

15165 - A ecologização do agricultor rumo a sistemas mais sustentáveis na região de Curitiba-PR, Brasil e na França.

The ecologization of the farmer towards more sustainable systems in Curitiba-PR, Brazil and France.

VEIGA SILVA, Julio Carlos Bittencourt¹; BRANDENBURG, Alfio²

1 Instituto Emater, omjulio@gmail.com; 2 UFPR, alfio@onda.com.br

Resumo: A ecologização dos agricultores da Rede Ecovida na região de Curitiba, Brasil e na França possuem correspondências e aproximações nos fatores que determinam o nível de transição agroecológica em que se encontram suas unidades de produção (UPs). Foram realizadas entrevistas com 38 agricultores da Rede Ecovida e com 14 agricultores, técnicos e pesquisadores franceses, com o objetivo de avaliar a dinâmica do processo de transição e os níveis em que se encontram os agricultores. Muito embora tais níveis não sejam exatamente correspondentes e deterministas, predomina uma tendência a linearizar e hierarquizar o processo de evolução da transição que ocorre nas UPs, comprometendo a visualização de retrocessos ou de estagnações e desviando-se de uma abordagem direcionada à sustentabilidade dos sistemas.

Palavras-chave: agroecologia; transição agroecológica; agricultura orgânica.

Abstract: The ecologization of farmers Ecovida Network in Curitiba, Brazil and France have correspondences and approaches in the factors that determine the level of agroecological transition in which they find their production units (PUs). Interviews were conducted with 38 farmers of Ecovida Network and 14 farmers, technicians and French researchers, in order to evaluate the dynamics of the transition process and the levels in which they are farmers. Although such levels are not exactly matching and deterministic, prevails a tendency to linearize and prioritize the evolution process of transition that occurs in PUs, compromising viewing setbacks or stagnation and dodging a targeted approach to the sustainability of the systems.

Keywords: agroecology; agroecological transition; organic agriculture.

Introdução

Os agricultores com atestado de conformidade orgânica, ou seja, com a sua unidade de produção aprovada dentro dos diversos mecanismos de controle de garantia de qualidade orgânica, seguem procedimentos básicos e regulamentos técnicos estabelecidos por normas reconhecidas internacionalmente (MAPA, 2012). Tanto a legislação brasileira, quanto a francesa seguem esta diretriz e possuem parâmetros e normas consistentes para o enquadramento das unidades produtivas (UPs) e seus sistemas de produção.

O estágio de ecologização e mudança de práticas sócio produtivas destas UPs e seus agricultores, porém nem sempre seguem esta linearidade ou roteiro de adequação às normativas do Ministério da Agricultura (MAPA). Na dimensão ecológica, as unidades familiares e empresariais de produção que compuseram a presente pesquisa ora se aproximam de sistemas mais sustentáveis, ora se afastam, no que diz respeito às práticas e sistemas produtivos, como quanto às outras relações socioeconômicas que refletem no seu estágio ou nível de consciência ecológica.

O processo de transição das UPs não segue uma evolução linear ou hierárquica, apesar de haver em algumas situações planejamentos para um redesenho. Portanto, pode ser um equívoco tentar classificar de maneira estanque um agricultor em determinado nível de transição (GLIESSMAN, 2010), quando o mesmo atinge indicadores ótimos em alguns aspectos produtivos, que nem sempre são os fatores chave ou perenes da mudança. Tal prática pode acomodar os envolvidos, mascarar fraquezas do sistema, que passariam despercebidas, retardando ou mesmo comprometendo o objetivo da agroecologia, de se buscar sistemas mais sustentáveis.

Sendo assim, o objetivo do presente trabalho foi avaliar as unidades de produção orgânicas sob diferentes referências teóricas de níveis de transição, com o intuito de ampliar a abordagem dos atores que atuam neste campo e permitam compreender a dinâmica e complexidade dos sistemas em transição agroecológica.

Metodologia

As informações levantadas nesta pesquisa foram realizadas em espaços distintos, com a implementação de um processo de amostragem dirigida a atores-chave, definidos como tais pela importância de sua inserção no tema pesquisado. Foram entrevistados 38 agricultores familiares e lideranças da Rede Ecovida de Agroecologia na região de Curitiba-PR, Brasil, e realizadas entrevistas com 08 agricultores, 03 técnicos e 03 pesquisadores franceses, nos departamentos de Vaucluse, Drôme, Bouches-du-Rhône, Isère, Maine-et-Loire e Gironde na França nos anos de 2012 e 2013. Trata-se de uma amostra representativa dos principais sistemas de produção e dos tipos de agricultores orgânicos das regiões pesquisadas, porém não probabilística. As entrevistas realizadas com os agricultores abrangeram questões voltadas à caracterização do estágio de ecologização dos agricultores e seu consequente nível de transição agroecológico, adotando-se como base, referenciais conceituais do ponto de vista teórico-metodológicos propostos por Gliessman (2010), Costabeber (1998) e Geels e Schot (2007).

O primeiro referencial conceitual adotado toma por base a noção de níveis de transição, onde Gliessman (2010) descreve níveis em que se encontram os agricultores no processo de conversão de agroecossistemas convencionais, atualmente sendo utilizado por extensionistas agroecológicos que atuam na ATER¹ em geral, como um diagnóstico temporal do processo evolutivo de conversão. Assim, este autor propõe os seguintes níveis de transição:

Nível 1: “Aumentar a eficiência e eficácia das práticas convencionais para reduzir o uso e o consumo de insumos caros, escassos, ou prejudiciais ao meio ambiente”;

Nível 2: Agricultores que “substituem os insumos e práticas convencionais por práticas (e insumos) alternativas”. Pode ser considerado como um nível intermediário em direção a uma agricultura mais sustentável;

Nível 3: Este nível se caracteriza pela necessidade do agricultor “redesenhar o agroecossistema, de forma que ele funcione baseado em um novo conjunto de processos ecológicos e suas relações (relacionamentos no sistema)”. Em termos práticos, considera-se aqueles agricultores que, além do processo de substituição de insumos, vêm realizando o redesenho de suas propriedades, a partir de um enfoque ecológico e sistêmico;

¹ Assistência Técnica e Extensão Rural

Nível 4: Estabelece uma proposta de “restabelecer uma conexão mais direta entre aqueles que cultivam os alimentos e quem consome, com o objetivo de restabelecer uma cultura de sustentabilidade que leva em conta as interações entre todos os componentes do sistema de alimentação. Conversão ocorre dentro de um contexto social, cultural e econômico, e este contexto deve suportar a conversão para sistemas mais sustentáveis” (GLIESSMAN, 2010, p. 07).

O segundo referencial adotado leva em consideração o que Costabeber (1998, p.141) propõe como conceito de transição agroecológica. Neste sentido, este autor afirma que: “a transição agroecológica refere-se a um processo gradual de mudança, através do tempo, nas formas de manejo dos agroecossistemas, tendo-se como meta a passagem de um modelo agroquímico de produção para outro modelo ou estilos de agricultura que incorporem princípios, métodos e tecnologias de base ecológica. Refere-se a um processo de evolução contínua, multilinear, e crescente no tempo, sem ter um momento final determinado”. Este conceito nos amplia a perspectiva, visualizando o processo como dinâmico e contínuo, multilinear (que remete para diversos aspectos de análise), e de ecologização crescente no manejo dos agroecossistemas, porém não estanque e passível de percepção de retrocessos do sistema em determinados aspectos.

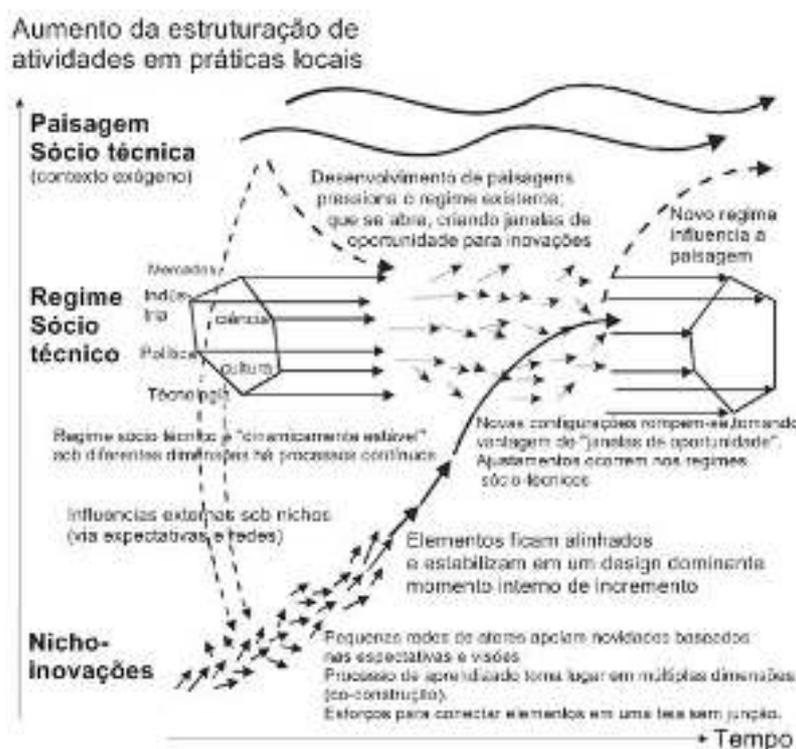


FIGURA 1. Perspectiva multinível em transições agroecológicas.
Fonte: Adaptado de Geels e Schot (2007).

O terceiro referencial utilizado, baseado em Geels e Schot (2007), propõe uma tipologia de Trajetórias Sociotécnicas de transição, com uma Perspectiva Multinível em transições, conforme figura 1, acima. A Perspectiva Multinível propõe que a análise pode ser feita tendo em conta três níveis, os nichos de inovação, o regime sociotécnico e a paisagem sociotécnica. Esta perspectiva permite visualizar que as transições não envolvem apenas uma mudança de tecnologia, mas também estão ligadas a aspectos relacionados a disponibilidade de infraestrutura, regulamentações, cultu-

ras e significados simbólicos, alterações de rotinas, interesses políticos, práticas de usuários e de mercados. Além disto, com a inter-relação destes três níveis, ao longo do tempo novas configurações e ajustamentos ocorrem no regime sociotécnico constantemente.

Resultados e discussões

Alguns dos fatores que determinam o estágio de ecologização dos agricultores brasileiros e franceses são muito similares, quando utilizamos Gliessman (2010) como referencial, com a sua proposta de níveis de transição. Principalmente entre os “agricultores orgânicos”, considerando-se a diferenciação de categoria que no Brasil ocorreu entre os mesmos e os denominados “agroecológicos”. Poderemos situá-los mais próximos do nível 2, de substituição de insumos, com sistemas de produção ainda simplificados e bastante dependentes, porém com mudanças sociotécnicas que são próprias do nível 3, sem necessariamente a realização de um redesenho do agroecossistema.

Os agricultores entrevistados que se enquadram nesta situação têm como principal característica comum, a venda à intermediários ou uma integração à empresas, que definem as espécies a serem cultivadas entre os seus fornecedores, limitando a diversificação e simplificando inclusive o plano de rotação, tornando o sistema menos estável e mais dependente (GLIESSMAN, 2010).

Os demais agricultores têm como característica comum sua inserção a circuitos curtos de comercialização, com venda direta através de feiras, entrega de sacolas em domicílio e pequenas lojas especializadas. Dos agricultores amostrados pertencentes à Rede Ecovida, 83% também acessam programas governamentais: o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). No caso francês, os agricultores entrevistados com esta característica de inserção a circuitos curtos, estão ligados à AMAP (Associations pour le Maintien d'une Agriculture Paysanne), que significa Associação para a Manutenção da Agricultura Camponesa.

Apesar das diferentes variáveis encontradas, tanto no espaço geográfico amostrado da região metropolitana de Curitiba, quanto nas diversas regiões da França, os agricultores orgânicos, lá denominados de biológicos, se configuram como mais próximos do nível 3 de transição, quando considerados a diversidade e complexidade dos sistemas, o grau de dependência a insumos externos e necessidades de intervenções durante os ciclos culturais. Como menciona Costabeber (1998), a transição agroecológica é um processo de evolução contínua e inacabada, multilinear, portanto de difícil categorização quanto ao nível de transição em que um agricultor se encontra, pois diferentes fatores exercem pressão para evolução ou retrocesso nas práticas socioprodutivas. Neste caso, a dinâmica comercial tem afetado consideravelmente as intervenções que o agricultor realiza nos seus sistemas de produção, principalmente os agricultores que acumulam atualmente diversos canais de comercialização, entre eles as feiras e os mercados institucionais (PAA e PNAE), devido ao tempo disponibilizado diretamente nas UPs e o tempo de dedicação ao segmento comercial.

Uma questão comum nos dois países relaciona-se à limitação na força de trabalho existente no meio rural, expresso como uma pressão maior da paisagem sociotécnica (exógena) sobre o regime sociotécnico, ou o próprio meio em que se desenvolve a transição, resultando em novas configurações ou ajustamentos. (GEELS E SCHOT, 2007). A relação entre os três níveis estruturais propostos na figura 1 permite desenvolver uma tipologia de trajetória de transições, baseada nos diferentes momentos e na natureza das interações nestes multiníveis. Sob esta perspectiva, um mercado que tem uma configuração por determinado tempo em um regime sociotécnico da “cadeia de orgânicos”, se reconfigura a partir de uma nova paisagem, na qual a crescente demanda de produtos orgânicos pela sociedade e pelos programas governamentais, viabiliza e fortalece economicamente os agricultores em detrimento da ecologia dos sistemas produtivos das UPs.

Conclusões

A valorização crescente do alimento orgânico pelo consumidor tanto na França quanto no Brasil, aliado a consolidação dos mercados institucionais (brasileiros), realizam uma pressão para aumento da oferta, que não é acompanhada na mesma proporção pelo aumento do número de agricultores orgânicos convertidos. Tal contexto pode resultar em retrocessos no processo de transição, que não são percebidos sob a perspectiva linear de evolução dos sistemas de produção orientados somente em função de níveis hierarquizados e estanques.

A transição agroecológica precisa ser trabalhada sob uma perspectiva multinível, nas diversas dimensões econômica, social, ecológica, cultural, política e ética, com uma abordagem sistêmica e complexa, onde a busca por sistemas mais sustentáveis compreende um processo de transição dinâmico, com interdependências, portanto com importância igualitária em suas diversas dimensões. A sobre valorização e priorização de alguma dimensão, ou a perspectiva hierarquizada de níveis de transição retarda o próprio processo de transição agroecológica e compromete o objetivo da sustentabilidade.

Referências bibliográficas:

COSTABEBER, J. A. **Acción colectiva y procesos de transición agroecológica en Rio Grande do Sul, Brasil**. 422p. (Tese de Doutorado) Programa de Doctorado en Agroecología, Campesinado e Historia, ISEC-ETSIAN, Universidad de Córdoba, España, 1998.

GEELS, F.W.; SCHOT, J. Typology of sociotechnical transition pathways. **Research policy**, 36-3, 2007, p. 399-417.

GLIESSMAN, S. R. **The Framework for conversion**. In: The conversion to sustainable agriculture: principles, processes, and practices. / Editors: Stephen R.Gliessman, Martha Rosemeyer. Boca Raton, FL: CRC Press, 2010.

MAPA. **Mecanismos de controle para a garantia de qualidade orgânica**. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Coordenação de Agroecologia. Brasília: MAPA/ACS, 2012.